

A PERSONALIDADE NA INVESTIGAÇÃO PARAPSICOLÓGICA (*)

VALTER DA ROSA BORGES

Personalidade e personificação subjetiva

Há muitas definições de personalidade, o que redundava na complexidade praticamente caótica de sua polissemia. Resolvemos, assim, definir a personalidade como a expressão social do eu. Logo, a personalidade não é todo o eu, mas o seu revestimento, a sua interface com o ambiente sociocultural.

Sendo o eu um processo dinâmico inserido numa realidade em permanente mudança, o seu relacionamento pelicular com o meio exterior é de permanente adaptação, garantindo a higidez do seu tegumento ou personalidade.

Acontece, porém, que em alguns indivíduos as relações de seu eu com o ambiente sociocultural não são satisfatórias e, em alguns casos, extremamente tumultuosas, o que resulta na sua fragmentação interna, comprometendo a unidade e coerência da personalidade, ensejando o aparecimento de neuroses e psicoses. O eu desestruturado pode, então, como estratégia de sobrevivência, cindir-se em duas ou mais unidades funcionalmente autônomas, com unidade e coerência próprias, apresentando-se no contexto social sob forma de comportamento conflitivo denominado de dupla ou múltipla personalidade.

Um dos mais famosos e complexos casos de personalidades múltiplas foi o investigado pela Dra. Cornélia Vilbur, com a sua paciente "Sybil", a qual apresentava um fracionamento de seu eu em 16 personalidades alternantes. Esses processos dissociativos da personalidade podem ser conceituados, segundo o caso, como de natureza psicológica ou psicopatológica e, portanto, não se enquadram dentro do âmbito da Parapsicologia.

Há casos, embora raros, em que a dissociação da personalidade pode favorecer a experiência parapsicológica. O mais comum, no entanto, é que fenômenos paranormais não sejam conseqüências de distúrbios emocionais. Ou seja: raríssimamente fenômenos paranormais se manifestam em pessoas vivenciando uma personalidade secundária. No entanto, há um significativo número destes fenômenos que ocorrem em situação semelhante a uma experiência de dissociação da personalidade. Por isso, em um dos nossos livros, resolvemos criar a expressão personificação subjetiva para definir toda modificação espontânea ou induzida da personalidade, não resultante de problemas emocionais, e capaz de provocar a manifestação de fenômenos paranormais do tipo psi-gama.

A personificação subjetiva, via de regra, é espontânea e se apresenta sob as seguintes modalidades:

- a) personificação de seres não-humanos;
- b) personificação de pessoas fictícias;
- c) personificação de pessoas falecidas;
- d) personificação de pessoas falecidas e famosas;
- e) personificação em memória extracerebral;
- f) personificação em experiência de regressão da consciência

Personificação de seres não-humanos

Constituem as famosas possessões demoníacas, que motivaram uma vasta literatura sobre assunto. A pessoa possuída, em alguns casos, apresentava fenômenos

paranormais como telepatia, clarividência, xenoglossia, levitação, estigmatização, telecinesia, “poltergeist” entre outros.

Os possessos ou endemoninhados se incluem na categoria dos processos dissociativos de natureza psicopatológica, proporcionando experiências paranormais geralmente destrutivas sob o ponto de vista orgânico, psíquico e até patrimonial, afetando inclusive outras pessoas. Os demônios infernizam a vida dos possessos e também daqueles que procuram ajudá-lo, revelando segredos, falando idiomas que não conhecem, movimentando, quebrando e incendiando objetos ou fazendo-os desaparecer, o que leva as pessoas, em desespero, a procurar o auxílio de padres, pastores, médiuns e pais de santo para a solução do problema, pensando tratar-se de fenômeno sobrenatural.

Embora estes fenômenos paranormais possam ser tratados por um parapsicólogo, a quem compete orientar as pessoas sobre a gênese humana dos mesmos, faz-se mister a assistência de um psicólogo ou de um psiquiatra para lidar, sob o ponto de vista psicoterápico, com o problema da desestruturação da personalidade do possesso ou endemoninhado.

Personificação de pessoas fictícias

Pode ser de pessoas não conhecidas e provavelmente fictícias, dada a impossibilidade de se comprovar a sua realidade histórica. Ela se apresenta sob as seguintes modalidades:

- a) personificação de espíritos obsessores ou apenas perturbados;
- b) personificação de guias espirituais;
- c) personificação de pessoas fictícias que viveram em outras épocas.

Se se trata de personificação de espíritos obsessores ou apenas perturbados, cuja atuação se assemelha à ação de demônios, o procedimento a ser adotado é o mesmo recomendado para o de personificação de seres não-humanos. Em qualquer dos dois casos, a utilização de exorcismos, preces, doutrinações, contra-despachos, etc., ao invés de elucidar a natureza humana do fenômeno, só fazem confirmar a crença de que ele é transcendental, está fora do controle humano e só pode ser resolvido pela intervenção de Deus ou dos Espíritos superiores. Não se pode negar que a fé numa ajuda espiritual pode trazer algum benefício psicológico e até mesmo eliminar a manifestação paranormal, que, nesta circunstância, não passa de uma catarse desconfortável para um problema de desestruturação da personalidade. Funcionando como placebo, estes procedimentos místicos não removem as causas do problema, podendo até mesmo cronificá-lo. Podem até operar conversões religiosas e mudanças de credo em cada caso concreto. É possível, também, permanecer a tendência de a pessoa endemoninhada ou obsidiada usar, inconscientemente, desta estratégia, no futuro, quando, de novo, se sentir atormentado pelo mesmo problema que, não resolvido, volte a se manifestar. E, mais uma vez, se utilizará do mesmo procedimento mágico de resolver o conflito, gerando-se um círculo vicioso de recorrências e soluções provisórias e transcendentais.

A personificação de guia espiritual é funcionalmente benéfica, pois representa uma espécie de proteção psicológica de natureza transcendental, resguardando a pessoa contra as agruras e os traumas da vida responsáveis pelos descompassos existenciais. Os fenômenos paranormais resultantes deste processo dissociativo são de

fácil administrabilidade, pois seu conteúdo revela o que de melhor existe no psiquismo daquela pessoa.

Finalmente, a personificação de pessoas fictícias que viveram em outras épocas pode ser entendida como um processo de criatividade paranormal e que deve ser enfrentado pelo parapsicólogo com alta dose de sensibilidade e empatia, pois constitui uma fonte inesgotável de estudo para a compreensão do psiquismo inconsciente.

J. Beaumont, mais conhecida por "Rosemary", personificava um "Espírito", chamado "Lady Nona" que vivera no Egito, na época da 18a. dinastia, e falava no idioma então utilizado naquele país.

Relata Francisco Valdomiro Lorenz que "no dia 4 de maio de 1936, o Dr. Wood apresentou-se com a médium no "Instituto Internacional para Pesquisas Psíquicas" em South Kensington, Londres e "Nona" pronunciou ali, pela boca de "Rosemary", em antigo egípcio, um interessante discurso, que foi gravado em disco, para poder ser estudado pelos egiptólogos. Uma segunda prova fonográfica foi oferecida no mesmo Instituto e igualmente gravada em disco, no dia 14 de julho de 1958".

Durante anos, "Lady Nona", transmitiu, também, por psicografia, uma enorme quantidade de mensagens sobre fatos da vida egípcia, no tempo em que ali vivera e na linguagem da época. O egiptólogo Howard Hulme, que pesquisou o fenômeno, confirmou a autenticidade das informações e do idioma utilizada pela personificação.

Lanore Pearl Curran, de St. Louis, Missouri, incorporando o espírito de "Patience Worth", escreveu, no espaço de 35 horas, o poema intitulado "Telka", com 75.000 palavras em linguagem anglo-saxônica do século XVII. A personificação dizia ter nascido, naquele século, em Dorset, na Inglaterra.

Personificação de pessoa falecida

É, na sua maioria, de alguém que o médium ou Agente Psi não conhecia.

Um dos casos mais famosos foi o do falecido Raymond, filho de sir Oliver Lodge e personificado por Gladys Osborne Leonard. Convencido da realidade da sobrevivência post mortem, Lodge escreveu um livro, onde relata as sessões em que ele e sua esposa dialogaram com Raymond que falecera na guerra.

Francisco Cândido Xavier psicografou um grande número de mensagens de jovens tragicamente falecidos, cujas informações foram reconhecidas como autênticas por seus familiares.

Gabriel Dellane relata que, no dia 21 de agosto de 1872, a Sra. Hardinge Britten, numa sessão da Sra. Corwin, em Siracusa, personificou uma pessoa surda e muda já falecida, a qual, utilizando o alfabeto dos surdos-mudos, comunicou-se com o seu marido ali presente.

Francisco Cândido Xavier, psicografou, em Braille, nos dias 6 e 17 de maio de 1977, e 16 de novembro de 1978, respectivamente, três mensagens da sra. Engrácia Ferreira, pioneira do alfabeto dos cegos no Brasil e falecida no dia 21 de abril de 1977.

Um ano depois, psicografou mensagens da sra. Ilda Mascaro Saulo, falecida em Roma, na Itália, em 1977. O Prof. Carlos Augusto Perandréa, perito judiciário em Documentoscopia e professor de Identificação Datiloscópica e Grafotécnica do Departamento de Patologia, Legislação e Deontologia da Universidade Estadual de Londrina. Perandréa publicou uma monografia onde relata o exame grafotécnico que realizou na mensagem mediúnica psicografada de 22 de julho de 1978 e fez um minucioso exame da caligrafia de Francisco Cândido Xavier e de escritos da Sra. Ilda,

quando viva. Concluiu que a mensagem contém “consideráveis e irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para a revelação e identificação de Ida Mascaró Saullo como autora da mensagem questionada.” Mas, reconhece também que: “Em menor número, constam, também, elementos de gênese gráfica, que coincidem com os existentes na escrita-padrão de Francisco Cândido Xavier.”

A extrema complexidade deste tipo de personificação exige uma reflexão crítica sobre os limites razoáveis do psiquismo inconsciente a fim de se evitar a tentação de se apelar para hipóteses metafísicas como a da super-psi.

O parapsicólogo, nesta situação, deve tratar o fenômeno com o máximo de neutralidade, sempre atento à influência de sua posição filosófica ou de seu credo religioso na investigação de cada caso de personificação, observando atentamente todos os aspectos da manifestação psi, sem exercer qualquer tipo de coação sobre o Agente Psi. A fase seguinte será a comprovação dos dados fornecidos pela personificação e a avaliação de todas as possibilidades favoráveis ou contrárias à autenticidade do fenômeno qualificado provisoriamente como paranormal.

Personificação de pessoas falecidas e famosas

A personificação de pessoas falecidas se reveste de maior complexidade quando se refere àquelas que foram famosas em suas áreas de atividade artística e literária.

Em 1873, um operário norte-americano chamado James psicografou a conclusão do romance inacabado de Charles Dickens, intitulado “O Mistério de Edwin Drood”, tendo recebido aprovação da crítica especializada sobre o estilo semelhante ao do escritor falecido.

Travers Smith, de olhos fechados, psicografou, com rapidez vertiginosa, mensagens do escritor Oscar Wilde, no estilo e com a caligrafia deste.

Entre as personificações por psicografia de natureza literária, as produzidas por Francisco Cândido Xavier constituem, inegavelmente, a maior expressão deste gênero de fenômeno, jamais igualado por qualquer outro paranormal. Ele psicografou poesias de mais de duzentos poetas brasileiros e portugueses e o seu primeiro livro “Parnaso do Além Túmulo”, editado em 1932, mereceu, neste mesmo ano, o elogio do famoso escritor Humberto de Campos, na crônica intitulada “Poetas do Outro Mundo”, publicada no dia 10 de junho no Diário Carioca. Disse Humberto de Campos:

“Eu faltaria ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e expressão que os identificavam neste planeta.”

A personificação por psicopictografia de Luiz Antônio Gasparetto é, até onde sabemos, única em todos os tempos e lugares, não só pela sua riqueza criativa, mas também pela originalidade de seu automatismo motor. Ele pinta, em velocidade vertiginosa e quase sempre de olhos fechados, quadros atribuídos a Van Gogh, Renoir, Cezanne, Gauguin, Toulouse Lautrec, Rafael, Degas, Rembrandt, Boticelli, Tarsila do Amaral, Matisse, Modigliani, Goya e Picasso entre muitos outros. Gasparetto executa seus trabalhos artísticos entre três a vinte minutos, dependendo da simplicidade ou complexidade de cada desenho ou pintura. Este tipo de psicopictografia vem conseguindo seguidores no Brasil, os quais, porém, não apresentam o mesmo desempenho e criatividade de Gasparetto.

O que mais impressiona no automatismo motor apresentado por alguns Agentes Psi é o ambidestrismo simultâneo, como quase sempre acontece com Luiz Antônio Gasparetto, que pinta e desenha com as duas mãos, ao mesmo tempo, quadros de artistas diferentes e em posições invertidas.

Rosemary Brown é talvez um caso único de personificação por psicomusicografia, pois sob a impressão de que se encontra sob o controle de famosos compositores falecidos, como Litz, Chopin, Beethoven, Schumann, Brahms, Grieg, Berlioz, Bach, entre outros, ela cria peças musicais inéditas atribuídas àqueles compositores. O maestro e compositor Richard Rodney, surpreso com a velocidade com que as peças musicais eram compostas, asseverou que mesmo as pessoas acostumadas a escrever música, dificilmente alcançariam aquele desempenho.

Peter Andreas e Caspar Kilian tecem as seguintes considerações sobre Rosemary:

"Uma coisa é tocar e improvisar ao piano; outra é compor música. Rosemary não teve nenhuma prática em escrever partituras e nada, em absoluto, sabia de orquestração. Suas composições mediúnicas foram submetidas à análise por número apreciável de críticos musicais ingleses e norte-americanos. Nem tudo foi considerado como de boa qualidade, mas, em sua grande maioria, as composições eram boas demais para terem sido criadas pela própria Rosemary. Os peritos concordaram e confirmaram que, de fato, as peças musicais de Rosemary Brown são características para os respectivos compositores e, em muito, ultrapassam as suas próprias e bem modestas noções musicais. Aliás, causou surpresa aos especialistas a multiplicidade de estilos, dominados por uma pessoa como Rosemary, leiga em música".

A personificação neste caso revela uma tendência dissociativa que se manifesta em algumas pessoas por ocasião do processo de criatividade artística ou literária. Esta "vontade de personificação", na expressão de William James, é reforçada pela crença religiosa do Agente Psi e pela continuidade de seu exercício em dias e locais determinados, gerando um condicionamento facilitador do processo dissociativo.

Personificação de pessoa viva

Este tipo extremamente raro de personificação é voluntário e direcionado a um determinado fim. O Agente Psi não é "incorporado" ou "possuído" pela pessoa viva a quem se dirige, mas se comporta psicologicamente como se ela fosse, obtendo, por este processo, informações a seu respeito.

Dizia William Stead que, invocando o espírito de seus amigos enquanto presumivelmente dormiam, altas horas da noite, comunicava-se com eles por psicografia. Segundo Stead, as pessoas com as quais mantinha contato psíquico, confirmavam as informações contidas nas mensagens psicografadas, como também as suas caligrafias e assinaturas.

Raphael Schermann, sem usar deste artifício, reproduzia a letra de pessoa que ele desconhecia, seja na presença ou por meio de uma fotografia da mesma.

Trata-se de uma experiência telepática, induzida por um procedimento de personificação intencional, que pode ser utilizada proveitosamente em pesquisa de laboratório. É um projeto que pretendo implantar no Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - I.P.P.P.

Personificação em memória extracerebral

Geralmente, o Agente Psi não se identifica com a personificação: é como se ela fosse um ser estranho que se houvesse temporariamente hospedado em seu psiquismo, apresentando-se como um espírito ou um ente sobrenatural.

Há casos, porém, em que o Agente Psi se identifica com a personificação de pessoa desconhecida e que falecera antes ou meses depois do nascimento dele. O Agente Psi se sente como se fosse a reencarnação daquela pessoa, lembrando fatos da sua vida, seus gestos, seu perfil psicológico, suas manias, seus hábitos e temores.

O Agente Psi pode ainda, embora rarissimamente, apresentar sinais de nascença que coincidem em forma, características e localização anatômica com a pessoa que ele personifica.

Hamendra Nat Banerjee denominou esta modalidade especial de personificação subjetiva de memória extracerebral. Ela ocorre, via de regra, em crianças entre dois a oito anos de idade e, atualmente, vem sendo intensamente pesquisada por Ian Stevenson e Hernani Guimarães Andrade, entre outros.

Na verdade, se torna extremamente difícil admitir que a personificação em crianças naquela faixa etária resulte de uma desestruturação da personalidade e conseqüente mecanismo de compensação.

Ian Stevenson constatou que a duração dos principais sinais da personificação variam de 2 a 16 anos, numa média aproximada de 7 anos. Stevenson adverte que “nunca soube de criança alguma que se identificasse de tal modo com outra personalidade, que chegasse a afirmar, durante um longo período de tempo, crer numa unidade da sua personalidade com outra, como o fazem muitas das crianças que alegam ter vivido antes”.

E diz ainda:

“Mas psicoses de qualquer espécie são extremamente raras em crianças, e uma fantasiosa identificação falsa com uma outra pessoa parece ainda mais rara”.

sua vida, seus gestos, seu perfil psicológico, suas manias, seus hábitos e temores.

O Agente Psi pode ainda, embora rarissimamente, apresentar sinais de nascença que coincidem em forma, características e localização anatômica com a pessoa que ele personifica.

Hamendra Nat Banerjee denominou esta modalidade especial de personificação subjetiva de memória extracerebral. Ela ocorre, via de regra, em crianças entre dois a oito anos de idade e, atualmente, vem sendo intensamente pesquisada por Ian Stevenson e Hernani Guimarães Andrade, entre outros.

Na verdade, se torna extremamente difícil admitir que a personificação em crianças naquela faixa etária resulte de uma desestruturação da personalidade e conseqüente mecanismo de compensação.

Ian Stevenson constatou que a duração dos principais sinais da personificação variam de 2 a 16 anos, numa média aproximada de 7 anos. Stevenson adverte que “nunca soube de criança alguma que se identificasse de tal modo com outra personalidade, que chegasse a afirmar, durante um longo período de tempo, crer numa unidade da sua personalidade com outra, como o fazem muitas das crianças que alegam ter vivido antes”.

E diz ainda:

“Mas psicoses de qualquer espécie são extremamente raras em crianças, e uma fantasiosa identificação falsa com uma outra pessoa parece ainda mais rara”. Stevenson esclarece que discutiu a questão com dois psiquiatras de crianças, um deles especializado em esquizofrenia infantil e eles afirmaram que jamais haviam falado de algum caso em que uma criança afirmasse ser outra pessoa.

E observa:

“As crianças, em verdade, ocasionalmente identificam-se por curto tempo, com outras pessoas ou animais, quando brincam, e algumas crianças psicóticas identificam-se com máquinas. Mas não descobri nenhum caso na literatura psiquiátrica, de alegações prolongadas de uma outra identidade, por parte de crianças fora as dos casos sob discussão aqui”.

Em trabalho que apresentamos no Primer Encuentro Iberoamericano de Parapsicologia, realizado em Buenos Aires, Argentina, de 15 a 17 de novembro de 1996, advertimos que, apesar da extrema dificuldade de formulação de uma hipótese abrangente e satisfatória em Parapsicologia para a explicação da memória extracerebral, deveríamos evitar soluções metafísicas, mesmo reconhecendo que a hipótese da reencarnação possui um poder de convencimento bastante significativo. Por isso, afirmamos:

“A reencarnação é um hipótese que, embora metafísica, aparentemente responde, de maneira satisfatória àquelas questões. No entanto, por sua natureza não-científica, não pode ser adotada pela Parapsicologia.”

Personificação induzida

A personificação pode ser induzida em experiência de regressão de memória ou provocada intencionalmente no Agente Psi pelo pesquisador.

No primeiro caso, a indução decorre da própria circunstância da hipnose, onde o Agente Psi se percebe como se tivesse vivido várias personalidades em épocas distintas e encontra significado e explicações para os seus problemas físicos e psicológicos da vida atual.

Um dos casos mais famosos foi a da Sra. Ruth Simons, investigado por Morey Bernstein, em 1952, no Colorado. Ela se reportava a uma vida anterior na Irlanda, dizia-se chamar Bridey Murphy e transmitiu informações sobre o local onde vivera. O hipnólogo Arnall Bloxham, fazendo experiências de regressão com a sua paciente Jane Evans, coletou interessantes relatos históricos sobre sete personalidades que ela dizia ter sido em séculos anteriores.

A psicóloga Helen Wambach, também por hipnose, obteve de seus pacientes recordações detalhadas de hipotéticas vidas passadas. As personificações faziam descrições de suas personalidades, locais onde viveram, vestuários, tipo de alimentação, eventos comunitários e as condições em que morreram, abrangendo vidas de 2000 a.C. até o século XX. Observou que nenhum dos seus pacientes personificou uma personalidade histórica. Apenas 7% disseram ter pertencido a classe superior.

Helen Wambach foi despertada para a investigação deste fenômeno a partir de 1966, quando, encontrando-se num quarto em Mount Holly, na Nova Jérsei, viu-se, durante quinze minutos, numa outra personalidade vivendo em outro tempo e em outro lugar.

Atualmente, o psiquiatra Brian L. Weis vem se dedicando intensivamente a investigação de lembranças de vidas passadas de seus pacientes.

A personificação pode, ainda, ser provocada intencionalmente no Agente Psi pelo próprio pesquisado.

Julien Ochorowicz induziu a manifestação de uma personalidade fictícia em Stanislaw Tomczyk e deu a esse “Espírito” o nome de “Woytec”, o qual passou, durante muito tempo, a ser um assíduo frequentador das sessões mediúnicas.

Stanley Hall adotou o mesmo procedimento com Eleonora Piper, inventando uma personalidade fictícia, chamada “Bessie Beals” e alegando ser sua sobrinha. Este pretenso “Espírito” passou a integrar, a partir daí, o elenco de personificações de Eleonora Piper.

O hipnólogo russo Vladimir Raikov afirmava que, utilizando a hipnose a que denominou de “reencarnação artificial”, conseguia melhorar o desempenho de uma pessoa em determinada atividade, fazendo-as crer que era a personalidade de alguém famoso naquela área e o “reencarnado” passava a se comportar como o fazia em sua “vida anterior”. Esclareceu que, para evitar problemas, escolhia pessoas falecidas como modelo destas experiências de simulação criativa, constatando que a semelhança com o original era bastante satisfatória.

Raikov trabalha preferentemente com pintores, mas atende também a músicos, inventores, lingüistas e enxadristas.

Podemos, então, pressupor que as personificações subjetivas de Chico Xavier e de Luiz Antônio Gasparetto, por psicografia e psicopictografia, de escritores, poetas e pintores falecidos, resultem de um processo de auto-hipnose, decorrente das crença de que estão sendo intermediários dos mortos. Trata-se de uma simulação inconsciente, ensejando a manifestação de sua capacidade criativa e revelando um talento literário e artístico de extraordinária aptidão mimética. Com isto, queremos sugerir que Francisco Cândido Xavier e Luiz Antônio Gasparetto são, respectivamente, escritor e pintor, que não desenvolveram estilo próprio por ignorarem possuir este talento e acreditarem estar incorporando personalidade famosas das áreas de suas preferências. Por isto, não temos notícia de que Francisco Cândido Xavier tenha produzido qualquer psicopictografia e que Luiz Antônio Gasparetto tenha psicografado qualquer gênero literário.

Análise crítica

Os casos de personificação, em suas diversas modalidades, nem sempre se aprestam a uma explicação satisfatória pela aptidão do inconsciente, cuja natureza e potencialidades constituem ainda uma incógnita. Em nada nos ajuda explicar o desconhecido pelo desconhecido ou dotar o inconsciente de atributos tão extraordinários, tal como o faz a hipótese metafísica da super-psi, a ponto de torná-lo uma espécie de sucedâneo de Deus. Explicar ortodoxamente todos os fenômenos paranormais pelo inconsciente tem o mesmo valor metafísico de explicar tudo pela vontade de Deus. E, no entanto, não temos outra hipótese melhor, restando-nos apenas a cautela de postular que, em princípio e até prova em contrário, os fenômenos paranormais devem ser atribuídos ao psiquismo inconsciente do ser humano.

Sabemos que as mentes podem conhecer o que se passa entre elas, embora desconheçamos como este conhecimento se processa.

Admitimos que podemos saber muito mais do que pensamos que sabemos, visto que não conhecemos os limites da cognição paranormal. Por isto, não nos surpreendemos quando o Agente Psi, utilizando-se da estratégia da personificação,

tome conhecimento por telepatia de informações que se encontram na mente de pessoas presentes ou ausentes. Ou que revele, por criptomnésia, conhecimentos e habilidades especiais que jamais aprendera. No entanto, é extremamente difícil explicar como, personificando uma pessoa falecida que não conheceu, o Agente Psi possa reproduzir sua caligrafia e assinatura ou manifestar o domínio de uma aptidão ou conhecimento especializado que ele não possui, mas que pertence àquela pessoa, como, por exemplo, o alfabeto Braille.

Enquanto não houver evidência razoável, sob o ponto de vista estritamente científico, de uma agência psi trans-humana, teremos de atribuir a causa do fenômeno paranormal ao psiquismo inconsciente de uma pessoa viva, embora tenhamos de reconhecer a insuficiência e o artificialismo desta hipótese em relação a determinados casos de personificação.

Vantagens e desvantagens da personificação

A experiência personificativa tem as suas vantagens e desvantagens.

Entre as vantagens podemos destacar o mecanismo de deflagrar a experiência paranormal em seu melhor desempenho criativo, visto que o Agente Psi não assume responsabilidade pelo fenômeno apresentado, servindo, ainda, de válvula de escape para liberar tensões e vivenciar problemas não resolvidos.

Entre as desvantagens podemos apontar a cisão permanente da personalidade em dois ou mais centros psíquicos autônomos, transferindo a responsabilidade de decisões para as personificações. Para os que acreditam no Espiritismo, este procedimento constitui um reforço para sua fé, pois comprova a sobrevivência pessoal e o intercâmbio permanente entre vivos e mortos. Por outro lado, nos casos de obsessões, transfere a responsabilidade de seus problemas existenciais para as suas personificações, assumindo comodamente a posição de vítima.

Em nosso primeiro livro de Parapsicologia, fizemos um estudo sumário sobre as entidades que se manifestam nas sessões espíritas: o guia, o obsessor e o sofredor ou espírito perturbado.

O guia personifica o desejo e/ou o poder de dominação do médium e firma o seu status de líder de uma pequena ou grande comunidade. “O “guia” fala e todos obedecem, cercando de atenções, gentilezas e reverencial respeito o seu privilegiado porta-voz. Ninguém ousa contestar-lhe a autoridade e a ela se curvam os homens mais proeminentes da sociedade, sob o peso da credulidade, do temor e do fanatismo.”

E argumentamos ainda:

“O médium que, via de regra, ocupa, na sociedade, uma posição modesta, se vê guindado, através do “guia”, a uma posição de mando. Por isto, no seu inconsciente, o médium não quer abrir mão desta situação privilegiada, que satisfaz seu narcisismo, submetendo-se a aventura de uma pesquisa. O carisma missionário do seu mediunato é um eficaz disfarce, com o qual se exime à censura do seu consciente. Daí, porque, sob as mais diversas evasivas, ele se esquiva de qualquer controle científico, com receio, consciente ou não, de cair do seu pedestal. Para isto, ele tem um argumento irrespondível e que o libera do exame de suas pretensas faculdades paranormais: a de que nenhuma prova convencerá os incrédulos. Assim lhe é fácil tachar a todo e qualquer pesquisador de incrédulo.”

O obsessor personifica os impulsos agressivos do inconsciente do médium, o qual, mediante este processo catártico, se libera de seus sentimentos destrutivos, não

só em relação a si mesmo, mas também aos outros. Esta “perseguição espiritual” contra o médium ou contra terceiros constitui uma eficiente estratégia de racionalização, porque transfere a responsabilidade de seus problemas e frustrações a um hipotético e rancoroso inimigo do Além.

Já o espírito sofredor ou perturbado personifica os sentimentos de culpa do médium, seus complexos não resolvidos ou inadequadamente compensados.

Esta personificação de pessoas fictícias pode constituir um excelente procedimento psicoterápico para um parapsicólogo lidar com os problemas das pessoas que os explicitam por meio deste recurso e, ao mesmo tempo, investigar as possíveis manifestações paranormais que possam imergir desta experiência.

Nos casos em que o Agente Psi personifica pessoas falecidas, fornecendo informações corretas sobre a sua identidade e confortando os seus parentes, o seu ganho psicológico é incontestável: além de comprovar sua fé na sobrevivência, dá uma destinação útil a sua aptidão paranormal, sob o nome de mediunidade, gratificando o seu ego na convicção de que é um intermediário entre o mundo físico e o mundo espiritual.

A personificação alcança o melhor de sua criatividade, quando o Agente Psi produz obras artísticas e literárias, clonando psiquicamente pintores, músicos, romancistas e poetas falecidos. Devemos, neste caso, quebrar a fé do Agente Psi e conseqüentemente estancar ou diminuir a sua fonte criadora? Temos, por acaso, este direito? E, a rigor, a ciência não pode afirmar ou negar a sobrevivência, a reencarnação e a comunicação entre vivos e mortos, porque não se trata de assunto de sua competência.

Em um dos nossos livros, apresentamos nossa opinião sobre a questão da criatividade psi por meio da personificação:

O mimetismo é um talento que existe em algumas espécies do mundo biológico, geralmente como uma técnica de sobrevivência. Como existem pássaros capazes de imitar o canto de outras aves e, no caso do papagaio, a própria voz humana, é possível admitir-se a hipótese de que há pessoas dotadas desta aptidão e, portanto, capazes de imitar as outras, seja na voz, nos gestos, nas suas expressões artísticas ou em seus estilos literários. A imitação, aliás, é também um fenômeno social e psicológico. Somos ensinados a imitar os exemplos consagrados pela nossa cultura, como também nos inclinamos a imitar as pessoas que admiramos. Esta imitação, via de regra, é uma atividade consciente. Ou seja, estamos cômnicos de que imitamos os outros. Mas, em alguns casos, essa imitação pode ocorrer a nível inconsciente. Este mimetismo inconsciente e que podemos denominar de mimetismo psi pode constituir uma explicação para a criatividade psi, nos casos de psicografia literária, de psicopictografia e de psicomusicografia.

É preciso observar, no entanto, que o Agente Psi deve ter, em latência, essa aptidão literária ou artística para manifestá-la pelo recurso da personificação.

Comportamento do parapsicólogo

Qual o comportamento do parapsicólogo perante um caso comprovado de personificação?

Explicar que se trata de um fenômeno de dramatização do inconsciente, sob forma de personificação?

Tratar a personificação como se fosse aquilo que ela representa?

Fazer uma distinção entre a posição da Parapsicologia e a crença particular do consulente, deixando-o optar pela hipótese que julgar melhor para si?

Esclarecer o consulente que ele pode manter uma vida normal, convivendo com a personificação e dela tirando o melhor proveito possível?

Procurar incentivá-lo a utilizar sua aptidão paranormal, sem necessidade de recorrer a estratégia da personificação?

A questão é muito delicada e complexa e exige do parapsicólogo a necessária experiência, maturidade, sensibilidade e empatia para não ferir a crença de cada pessoa, fazendo-a compreender que a explicação parapsicológica para a sua experiência personificativa se situa no contexto estritamente científico e que, portanto, a abordagem do fenômeno se processará exclusivamente nos limites desta perspectiva.

BIBLIOGRAFIA

Andreas, Peter & Kilian, Kasper. A Ciência Fantástica. Parapsicologia: Provas para o Inacreditável. Edições Melhoramentos. São Paulo. 1976.

Borges, Valter da Rosa. Introdução ao Paranormal. Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Recife. 1976.

Borges, Valter da Rosa. Manual de Parapsicologia. Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Recife. 1992.

Borges, Valter da Rosa. Memória Extracerebral: uma Modalidade Complexa de Personificação Subjetiva. Nos Anais do Primer Encuentro Iberoamericano de Parapsicologia. Edição do Instituto de Psicología Paranormal. Buenos Aires. 1996.

Debugras, Elsie. Renoir, é você? Edições FEESP. São Paulo. 1979.

Delanne, Gabriel. Investigaciones sobre la Mediumnidad. Editorial "Constancia". Buenos Aires. 1948.

Lodge, Oliver. Raymond, uma Prova da Sobrevivência. Edigraf. São Paulo. 1972.

Lorenz, Francisco Valdomiro. A Voz do Antigo Egito. FEB. Rio de Janeiro. 2ª edição.

Perandrea, Carlos Augusto. A Psicografia à Luz da Grafoscopia. Editora FE. São Paulo. 1991.

Stevenson, Ian. 20 Casos Sugestivos de Reencarnação. Editora Difusora Cultural. São Paulo. 1971.

(*) Publicado no ANUÁRIO BRASILEIRO DE PARAPSILOGIA-1997.